



## *Informativo*



# O TUIUTI

**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande - 100 anos da entrada do Brasil na I Guerra Mundial**

**ANO 2017**

**Março**

**Nº 206**

### ***A VERDADEIRA OPERAÇÃO CALICUTE***

**General de Exército Virgílio Ribeiro Muxfeldt**

O historiador Carlos Selvagem, capitão de cavalaria do Exército Português, em sua monumental obra PORTUGAL MILITAR, apresenta o seguinte relato (resumido) da saga de Pedro Álvares Cabral em Calicute.

Em agosto de 1499 Portugal comemorou com entusiasmo o retorno de Vasco da Gama de sua histórica viagem à Índia, que retirava do Mediterrâneo o protagonismo do comércio com o Oriente e o deslocava para o Atlântico, onde Lisboa pontificava como seu empório natural.

Vasco da Gama foi cumulado de honras e recompensas. Ouvido o relatório da extraordinária viagem, D. Manuel mandou logo aprestar uma poderosa armada, capaz de infundir respeito aos povos da Índia, mostrar-lhes a grandeza e força militar do rei de Portugal, forçar o soberano de Calicute às relações amigáveis e ao estabelecimento de uma feitoria de comércio por conta da coroa portuguesa.

Em fevereiro de 1500 estava pronta a nova frota para a Índia: 13 grossas naus de alto-bordo, erçadas de canhões, com cerca de 1.200 homens entre tripulantes, artilheiros e soldados. Por capitão-mor dessa armada iria o fidalgo beirão Pedro Álvares Cabral. Antes da partida, o rei deu-lhe as instruções e regulamentos para a disciplina e roteiro da viagem. Vasco da Gama fora como descobridor; Cabral iria como embaixador, com credenciais do rei, com propostas de paz e comércio e força bastante para valorizar tais propostas.



**Pedr'Álvares de Gouveia,  
depois Cabral**

A 13 de setembro, Cabral com apenas seis naus, fundeava em Calicute. A recepção do soberano local (Samorin) foi faustosa.

No encontro de portugueses e índios verificou-se um choque de concepções e de civilizações: portugueses rudes e pobres, mas fortes, orgulhosos e destinados a dominar; índios com cultura milenar, magnificente e corrupta, condenada à servidão.

A Índia, pulverizada em minúsculos reinos, vivia em regime de feudalismo, sob o império dos turcos. Os reis mais fortes, Rajás, dominavam os mais fracos, Samorins, mas todos eram vassallos dos turcos.

O comércio marítimo dos reinos do litoral da Índia constituía uma espécie de monopólio dos árabes (mouros), que traziam as mercadorias nos seus navios até o mar Vermelho e atravessando o Suez atingiam o Mediterrâneo e chegavam a seu império em Veneza.

Os árabes eram hábeis no trato com os povos índios, sem cometer violências inúteis e explorando sua indolência e tendência à servidão e à obediência.

Esse admirável equilíbrio foi rompido com a chegada dos portugueses, pois a feitoria pedida por Cabral foi logo concedida, fato que contrariou os interesses comerciais dos árabes, que passaram a reclamar da concorrência e logo passaram à ação, sob o olhar cúmplice do Samorin. Assim, a 16 de dezembro os árabes atacaram os 50 portugueses instalados na feitoria e os trucidaram.

Pedro Álvares Cabral, em represália, tomou 10 naus de mercadores árabes, fez passar à espada mais de 500 e bombardeou furiosamente a cidade e as embarcações do porto. A embaixada comercial dos portugueses aos povos da Índia terminava por um ato de guerra e destruição.

Após acabar de carregar suas naus com especiarias, em janeiro de 1501 Cabral iniciou seu regresso ao reino.

A 9 de março a frota levantou âncoras para a Índia e em abril, depois da saída de Cabo Verde, afastou-se demais para oeste, de sorte que a 24 de abril, ou por acaso, ou por deliberado propósito, Cabral aportou a terras do Brasil, a que pôs o nome de Terra de Santa Cruz.

A notícia do descobrimento destas bárbaras terras ocidentais impressionou pouco Lisboa. O que a todos interessava era o comércio com a rica Índia.

Portanto Cabral continuou sua rota para a Índia. Além do Cabo da Boa Esperança, uma nau da frota, desgarrada por um temporal, foi aproar na ilha de Madagascar que foi chamada de Ilha de São Lourenço.

A viagem de Pedro Álvares Cabral deu início à constituição do Império Marítimo Português que dominou extensas costas marítimas da América do Sul, África e Ásia.

## ***ILHA DA FANTASIA***

**Gen Clovis Purper Bandeira**  
**Editor de Opinião do Clube Militar**

Vivemos, sem dúvida, em um país diferente.

Em meio à mais séria crise política, econômica, social e humana de que se tem notícia, o país para completamente num parêntese de folia e fantasia, o Carnaval.

Cada vez mais prolongado, o antigo Tríduo Momesco transformou-se numa festa gigantesca e interminável que dura de sete a dez dias – em algumas regiões mais do que isso – conforme os interesses políticos e econômicos envolvidos.

Os jornais apagam seus radares do acompanhamento do que se passa no mundo e em casa, dedicando suas primeiras páginas, mesmo cadernos inteiros, aos blocos, escolas de samba, musas seminuas, baterias, mudanças no trânsito e no transporte público, tudo em honra de Sua Majestade, o Rei Momo.

Saltam das gavetas das redações artigos, teses, análises sociológicas e históricas sobre o Carnaval. Professores, artistas, turistas, todos são entrevistados e derramam conhecimentos, teorizam sobre o caos, explicam o improvisado, maravilham-se com o exótico, aplaudem o sensualismo agressivo e quase obrigatório, ninguém ousa dizer que o interesse é exagerado e que há outras coisas, bem mais importantes e graves, em gestação ou acontecendo sob o manto da batucada.

A partir da Quarta-feira de Cinzas, a poeira começa a baixar. Vem a público a divulgação dos acidentes, mortes e ferimentos nas estradas, número de motoristas embriagados detidos, comparações com anos recentes.

Parece até surpreendente que alguém tenha continuado a trabalhar e brilha a notícia de que a Lava-jato progrediu, foram feitas audiências e oitivas, um grupo de dedicados profissionais continuou seu trabalho e surgem os primeiros resultados da “delação do fim do mundo”.

Assombram-nos – parece que acordamos com a imprensa – as reviravoltas políticas na Europa e nos Estados Unidos, escândalos fabricados por uso indevido das redes sociais para tratar de interesses eleitorais, assassinatos misteriosos em aeroportos, contatos suspeitos com diplomatas estrangeiros em tempos de eleições, coisas que no Brasil seriam, quando muito, caso de juizados de pequenas causas e que são levados tão a sério nos países tidos como desenvolvidos e responsáveis.

É a intromissão do mundo real e de seus problemas incômodos na Ilha da Fantasia, onde tudo era festa, permissividade e falta de compromisso.  
A realidade é tão insossa e a fantasia, tão saborosa...

## UM FATO ALTAMENTE REVOLTANTE NA GUERRA DO PARAGUAI

Em 12 Set 1866, ocorreu uma entrevista entre Bartolomeu Mitre, Venâncio Flores e Francisco Solano Lopez (solicitada por este) em Yataity-Corá. Flores retirou-se antes de iniciar a entrevista. Ela durou cinco horas. Enquanto isso, oficiais argentinos e paraguaios ficaram conversando.

Alguns paraguaios que serviam na força argentina e na oriental, e oficiais destas nacionalidades, aproveitaram-se da trégua para se aproximarem do grupo de oficiais do estado-maior de Lopez e ali travaram conversação. Entre aqueles oficiais estavam dois paraguaios, chamados Ruiz e Soriano.

Ao despedirem-se, os oficiais do estado-maior de Lopez pediram que os seus compatriotas voltassem no dia seguinte e trouxessem mais alguns para conversar e tomar mate (chimarrão).

Com efeito, no dia seguinte, eles voltaram levando mais um de nome Luciano Ricalde, e dois argentinos, um major e um alferes, perfeitamente tranquilos, confiando na trégua. Foram recebidos, na aparência, afetuosamente; de repente, porém, um piquete, comandado pelo Capitão Braz Montiel e Tenente Samaniego, atira-se aos incautos oficiais que em vão procuram resistir; recebem na luta ferimentos graves e afinal são amarrados e conduzidos para o recinto das fortificações. Luciano Ricalde, mais feliz, pode evadir-se.

Lopez mandou açoitá-los até exalarem o último suspiro, como traidores, os dois paraguaios; os argentinos morreram pouco depois de miséria e maus tratos.

Esse procedimento indignou o exército aliado.

Entretanto, Dom Bartholomeu Mitre, que devia protestar em nota oficial, calou-se e assim patenteou ao mundo ser mais magnânimo do que o próprio Ajax (sic)\*.



Não consta uma palavra, um protesto oficial, feito por Mitre contra o procedimento desleal, traiçoeiro de Lopez, à sombra das leis e convenções para as quais tantas vezes ele hipocritamente apelava.

O General Flores, que não queria figurar na historia como herói de Homero, e servindo os oficiais paraguaios nas forças sob o seu comando, ao saber da horrível traição do inimigo, mandou bombardear vigorosamente as posições que lhe ficavam em frente.

(\*) De acordo com a mitologia grega, houve dois Ajax, o de Salamina e o Lócricio. Ambos lutaram na Guerra de Tróia. Na opinião do Editor, nenhum deles foi "magnânimo". Entretanto, respeitamos a opinião

do Marechal Bormann (acima, em imagem obtida na Internet através de myheritage.com).

Fonte: BORMANN, José Bernardino, Coronel. A História da Guerra do Paraguay. Curitiba: Jesuino Lopes Editores, 1897, I vol., pág. 248/249.

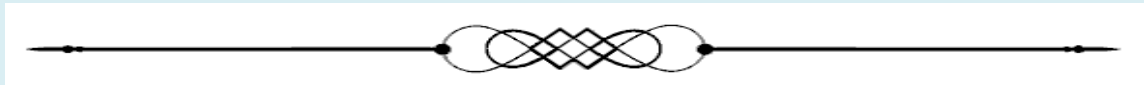
**Nota do Editor:** a obra do Marechal José Bernardino Bormann (dois volumes) é relevante, posto que ele foi testemunha ocular, como tenente de Artilharia, da Guerra do Paraguai. Suas descrições dos acontecimentos são verdadeiramente reveladoras. A postura do autor é de interpretação crítica, tanto nos aspectos políticos como nos operacionais.

A obra constitui leitura e pesquisa indispensáveis para aqueles que estudam o assunto.

Ousamos dizer que a trilogia formada por esta obra do Marechal Bormann, a História da Guerra da Tríplice Aliança (Gen Augusto Tasso Fragoso) e a obra do historiador Francisco Fernando Monteoliva Doratioto (Maldita Guerra) praticamente esgotam o assunto.

As obras de paraguaios e argentinos sobre o assunto, em geral, são suspeitas, bem como as de Ludwig Schneider e George Thompson, no que acompanhamos a opinião do Marechal Bormann, patrono de cadeira da FAHIMTB.

A obra de Bormann está na Estante Virtual por um preço quase proibitivo, face à sua importância e por ter se tornado uma obra rara.



### Você sabia?

Em 03 Out 1867 ocorreu o Combate de Isla-Tahy, na Guerra do Paraguai.

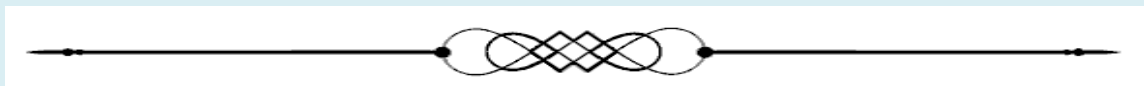
Nesse combate, lutou um meio-esquadrão formado por oficiais e três sargentos do 18º Corpo Provisório de Guardas-Nacionais do RS. Ele, o esquadrão, assim foi formado pela falta de bons cavalos para todo o efetivo.

Os gaúchos usaram somente a lança para atacar os paraguaios, obtendo completa vitória em três cargas avassaladoras de cavalaria.

Caxias assistiu e aplaudiu esse combate, o seu desenrolar e o seu resultado.

Depois da ação, pronunciou-se o futuro Patrono do Exército:

***“Não estranho, não estranho isso. Há muito conheço o denodo da cavalaria rio-grandense”.***



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis

AHIMTB/RS

[lecaminha@gmail.com](mailto:lecaminha@gmail.com)

[www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br)

[www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)